

Morfologia Cognitiva, uma abordagem construcionista: fundamentos teórico-epistemológicos e análise da construção [X-Cefalia]_N no Português Brasileiro

Cognitive Morphology, a constructionist approach: theoretical-epistemological foundations and analysis of [X-cefalia]_N constructions in Brazilian Portuguese

Natival Almeida Simões Neto^{1,2} 

¹Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Salvador, BA, Brasil

²Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Feira de Santana, BA, Brasil

E-mail: nativalneto@gmail.com

Editor-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editores convidados

Edvaldo Balduino Bispo
Fernando da Silva Cordeiro
Renata Enghels

Recebido: 29/03/2024

Aceito: 08/07/2024

Como citar:

SIMÕES NETO, Natival Almeida. Morfologia Cognitiva, uma abordagem construcionista: fundamentos teórico-epistemológicos e análise da construção [X-Cefalia]_N no Português Brasileiro. *Revista Diadorim*, v.26 n.1, e63457, 2024. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2024.v26n1a63457>

Resumo

Este artigo tem como principal objetivo apresentar os fundamentos teóricos e metodológicos da Morfologia Cognitiva, modelo proposto por Hamawand (2011) e ainda pouco conhecido no território brasileiro. Essa formulação se alinha com a Gramática Cognitiva, de Langacker (1987), e com a Linguística Cognitiva, de uma maneira geral. Apresenta-se, também, uma aplicação ao português brasileiro, através da análise da construção X-cefalia, que tem realizações consagradas, como *microcefalia* e *hidrocefalia*, e outras inovadoras, como *filtrocefalia* 'condição de quem tem a cabeça com forma de filtro de barro', *machocefalia* 'condição de quem pensa demais em homem' e *bundacefalia* 'condição de quem tem a bunda pequena'. Ao todo, foram analisadas 40 realizações desse padrão compositivo, sendo 16 dicionarizadas e 24 não dicionarizadas. Os resultados mostram que há um uso prototípico de X-cefalia, na designação de anomalias da anatomia craniana. Esse uso é preponderante no contexto médico-científico e, do ponto de vista formal, tende a exibir

bases eruditas na posição à esquerda (*microcefalia*, *hidrocefalia*, *braquicefalia*). Esse protótipo é estendido no que toca aos aspectos formais, e as construções inovadoras passam a admitir bases vernáculas na primeira posição (*filtrocefalia*, *machocefalia*, *bundacefalia*). Do ponto de vista semântico, os usos inovadores de X-cefalia apontam três significados diferentes, que se estendem metafórica ou metonimicamente do uso prototípico.

Palavras-chave

Morfologia Cognitiva; Abordagem construcional da gramática; Composição neoclássica; Composição morfológica; Gramática Cognitiva.

Abstract

This article has, as its main objective, to present the theoretical and methodological fundamentals of the Cognitive Morphology, a model proposed by Hamawand (2011) and still little known in the Brazilian territory. This formulation is aligned to Langacker's Cognitive Grammar (1987), and to Cognitive Linguistics, in general manners. An application to the Brazilian Portuguese is also presented through the analysis of the x-cefalia construction, which has established manifestations, such as *microcefalia* and *hidrocefalia*, and other innovative realizations, such as *filtrocefalia* 'condition to who has a head shaped like a clay water filter', *machocefalia* 'condition to who thinks too much about men' and *bundacefalia* 'condition to who has small buttocks'. In total, 40 realizations of the pattern were analyzed, 16 of which are dictionaryized and 24 of which are non-dictionaryized. The results show that there is a prototypical usage of X-cefalia in the designation of cranial anatomy anomalies. This usage is preponderant in the medical-scientific context and, from an formal perspective, tends to exhibit erudite bases on the left-side position (*microcefalia*, *hidrocefalia*, *braquicefalia*). This prototype is extended to what concerns formal aspects, and innovative constructions begin to admit vernacular bases in the left position (*filtrocefalia*, *machocefalia*, *bundacefalia*). From the semantic perspective, the innovative usages of X-cefalia indicate three different meanings which extend metaphorical or metonymically from the prototypical usage.

Keywords

Cognitive Morphology; Constructional approach to grammar; Neoclassical composition; Morphological composition; Cognitive Grammar.

Introdução

Este artigo visa a apresentar a Morfologia Cognitiva, no formato proposto por Zeki Hamawand (Universidade de Kirkuk, Iraque), ainda pouco conhecido no Brasil. As publicações sobre essa abordagem começam em 2009, mas é no livro *Morphology in English Word Formation in Cognitive Grammar*, de 2011, que são sistematizados os fundamentos teórico-epistemológicos do modelo, bem como são apresentadas as aplicações para fenômenos morfológicos diversos, como prefixação, sufixação e composição. No Brasil, a única aplicação da proposta de Hamawand (2011), até então, foi vista na dissertação de Oliveira (2023), que trabalhou com formações inovadoras com o prefixo *des-* no português brasileiro.

A ideia de uma abordagem cognitivista para a morfologia já é explorada no Brasil há quase duas décadas. Destacam-se, nesse sentido, trabalhos pioneiros, como os de Basilio (2006; 2007; 2010; 2011; 2014; 2016), Castro da Silva *et al.* (2009), Gonçalves *et al.* (2010), Lemos de Souza (2010; 2016; 2020) e Pizzorno (2010). Nem todos esses autores utilizam o rótulo *Morfologia Cognitiva*, mas todos usam, em suas propostas de análise, conceitos caros à Linguística Cognitiva. Nenhum deles utiliza o trabalho de Zeki Hamawand como referência, e é nesse sentido que este artigo visa a contribuir com os estudos morfológicos.

A Morfologia Cognitiva, nos termos aqui explorados, também se orienta abertamente pelos fundamentos da Linguística Cognitiva, em especial da Gramática Cognitiva, de Langacker (1987), e da Linguística de Corpus. Assim, Hamawand (2011) traz, entre os seus pressupostos, as compreensões de uma estrutura morfológica semanticamente motivada e capaz de materializar simbolicamente operações cognitivas, como conceptualização e categorização. O impacto das dinâmicas de uso nos fenômenos morfológicos é também valorizado por Hamawand (2011), dando à sua proposta um cariz cognitivo-funcional que permite identificá-la como uma vertente da Gramática de Construções Baseada no Uso (Goldberg, 2006; Bybee, 2016 [2010]; Hilpert, 2019).

No Brasil, os pesquisadores da área de Morfologia que valorizam o papel da semântica e do uso nas construções morfológicas optaram, em sua maioria, pelo modelo da Morfologia Construcional, de Geert Booij (Universidade de Leiden, Holanda), que se apresenta como um desdobramento da Gramática de Construções, de Goldberg (1995; 2006), e acaba sendo uma saída interessante para quem visa a uma análise morfológica sob o viés cognitivo-funcional da linguagem. Entretanto, esse modelo não se compromete abertamente, nem com a Linguística/Semântica Cognitiva, nem com a Linguística Funcional.

Pesquisadores brasileiros, como Gonçalves (2016), Soledade (2013, 2018), Tavares da Silva (2019; 2020), Lopes (2020) e Simões Neto (2018, 2019, 2020),

mesmo usando a Morfologia Construcional como arcabouço teórico-metodológico, apontaram, de diferentes maneiras, a insuficiência da Morfologia Construcional para lidar com questões mais complexas relacionadas ao fator semântico na formação de palavras, inserindo, em suas análises, recursos teórico-metodológicos advindos de teorias da Semântica Cognitiva, como a Teoria da Metáfora Conceptual, a Semântica de Frames e a Teoria dos Espaços Mentais. Os mesmos autores brasileiros, em suas aplicações da Morfologia Construcional, exploraram o papel do uso na dinâmica das construções morfológicas, algo que não está largamente explorado na proposta de Booij (2010), para quem o papel do uso praticamente se restringe aos processos de abstratização e esquematização: esquemas são abstraídos a partir de dados da língua em uso. Isso é algo relativamente básico e que não é ignorado nem mesmo por teorias formalistas sobre formação de palavras. Assim, é possível dizer que a Morfologia Construcional feita no Brasil é muito mais cognitivista e funcionalista do que aquela proposta originalmente na Universidade de Leiden.

Este artigo, então, mostra que várias questões acerca da Morfologia Construcional, levantadas pelos pesquisadores brasileiros, são exploradas, com maior ou menor evidência, pela Morfologia Cognitiva, de Hamawand (2011), que deveria ser o modelo morfológico cognitivo-funcional por excelência, mas que, por uma série de razões teóricas, mas também políticas, não ganhou força nos espaços acadêmicos mundo afora. Mesmo com essa premissa, não é objetivo deste texto fazer uma apresentação panfletária de um modelo teórico, nem desmerecer todo o conhecimento desenvolvido sob o viés da Morfologia Construcional. Muito pelo contrário, pretende-se, aqui, somar esta proposta a outras abordagens construcionais da morfologia, o que inclui também a Morfologia Relacional (Jackendoff; Audring, 2020; Gonçalves, 2021).

Espera-se, portanto, que as orientações teórico-metodológicas da Morfologia Cognitiva possam ser somadas àquelas seguidas na Morfologia Construcional e na Morfologia Relacional, ajudando a fortalecer o lugar da morfologia nos estudos construcionistas. Esse alinhamento de modelos teóricos construcionistas diferentes tem sido feito produtivamente em trabalhos de sintaxe (Pinheiro; Alonso, 2018), e acredita-se que o mesmo caminho possa ser seguido nos estudos morfológicos.

Para além da apresentação dos fundamentos teórico-epistemológicos da Morfologia Cognitiva, este artigo traz uma proposta de aplicação do modelo na análise de um fenômeno morfológico do português brasileiro: o padrão construcional compositivo [X-cefalia]_N. No português, esse padrão pode ser visto não só em realizações consagradas e dicionarizadas, como *microcefalia* e *hidrocefalia*, que designam condições anômalas que afetam a anatomia craniana, mas também em realizações inovadoras, vistas em textos escritos por usuários brasileiros de redes sociais da internet, como *filthrocefalia* ‘condição de quem tem a cabeça em forma de filtro de barro’, *paucefalia* ‘condição de quem tem a cabeça com formato fálico’, *machocefalia* ‘condição de

quem pensa demais em homem’, *cachaçacefalia* ‘condição de quem pensa demais em beber’, *bundacefalia* ‘condição da pessoa que tem a bunda pequena’, *bocacefalia* ‘condição da pessoa que tem a boca pequena’ e *picacefalia* ‘condição da pessoa que tem o pênis pequeno’. Esses usos novos apontam inovações tanto no plano formal quanto semântico, o que, na Morfologia Cognitiva, deve ser explicado em termos de operações cognitivas, como categorização e conceptualização.

Feitas essas considerações iniciais, o artigo se divide da seguinte maneira. A seção “Fundamentos teórico-epistemológicos da Morfologia Cognitiva” se desdobra em três subseções, “Pressupostos cognitivos”, “Mecanismos cognitivos” e “Operações cognitivas”, que visam à apresentação crítica do modelo teórico desenvolvido por Hamawand (2011). Na seção seguinte, “Uma aplicação da Morfologia Cognitiva: a análise das construções X-cefalia”, apresenta-se o fenômeno estudado e faz-se uma proposta de interpretação dos dados encontrados, com base no modelo explicitado. Por último, são feitas as considerações finais, seguidas das referências.

Fundamentos teórico-epistemológicos da Morfologia Cognitiva

Em *Morphology in English Word Formation in Cognitive Grammar*, Hamawand (2011) apresenta as bases cognitivistas da Morfologia Cognitiva em uma seção que se divide em três capítulos: “Cognitive Assumptions”, “Cognitive Mechanisms” e “Cognitive Operations”. Com o intuito de introduzir o modelo de maneira didática, neste artigo, a apresentação desses fundamentos se dará nos mesmos termos estabelecidos pelo proponente do modelo. Dessarte, esta parte do trabalho estará dividida nas subseções “Pressupostos cognitivos”, “Mecanismos cognitivos” e “Operações cognitivas”.

Pressupostos cognitivos da Morfologia Cognitiva

No capítulo “Pressupostos cognitivos”, Hamawand (2011) visa a apresentar as premissas cognitivas a partir das quais a Morfologia Cognitiva se constrói. Segundo o autor, “[o]s pressupostos estão relacionados a três importantes questões: a forma como as unidades linguísticas são formadas, o modo como as suas estruturas internas se combinam e a maneira como as formações resultantes são interpretadas” (Hamawand, 2011, p. 17, tradução nossa¹). Para tratar desses três pontos básicos, Hamawand (2011) divide o capítulo em cinco seções temáticas que tratam dos seguintes aspectos: *simbolicidade*, *convencionalidade*, *criatividade*, *autenticidade* e *semânticidade*.

¹ “The assumptions relate to three important issues: the way linguistic units are formed, the way their internal structures combine and the way the resulting formations are interpreted” (Hamawand, 2011, p. 17).

Na seção destinada a tratar da *simbolicidade*, Hamawand (2011) parte do entendimento de que, em uma perspectiva cognitiva, a gramática de uma língua é simbólica por natureza. Ser simbólica diz respeito ao fundamento de que as unidades linguísticas, que se organizam em um grande inventário estruturado², estão associadas a significados. Por unidade linguística, o autor compreende “qualquer expressão simples ou composta que é frequentemente usada e completamente dominada, adquirindo, portanto, o status de um hábito ou uma rotina cognitiva” (Hamawand, 2011, p. 17, tradução nossa³). Basicamente, o pressuposto da *simbolicidade* serve para caracterizar a Morfologia Cognitiva como construcionista, uma vez que está assentado na ideia de um pareamento entre unidade formal e significado, como se defende em diversas outras propostas de mesma orientação. Isso fica ainda mais evidenciado, quando o autor explica as suas noções de *estrutura* e *conceito* dentro do inventário estruturado:

Estruturado significa que as unidades estão relacionadas entre si de maneira organizada. Uma unidade linguística consta de uma estrutura semântica, uma estrutura fonológica e uma estrutura simbólica ligando-as. A estrutura fonológica se refere à forma como é falada ou escrita. A estrutura semântica se refere ao significado, que está relacionado ao conceito. O conceito é um pensamento ou uma noção formada na mente, que é simbolizada na linguagem através de estruturas fonológicas. A ligação entre as estruturas fonológica e semântica não é arbitrária. Pelo contrário, é motivada pela forma como os falantes interagem com o mundo (Hamawand, 2011, p. 17, tradução nossa⁴).

Segundo Hamawand (2011), em se tratando de morfologia, o pressuposto da simbolicidade orienta a compreensão de que

[a]s expressões morfológicas são bipolares. Elas possuem dois polos: fonológico e semântico. O ato de ligar os polos fonológico e semântico é chamado de pareamento. O pareamento é motivado pelas demandas discursivas e propósitos comunicativos. O polo

² Essa noção de *grande inventário estruturado* se equipara à de *constructicon*, explorada na Gramática de Construções. Trata-se de um léxico de construções. *Constructicon* é um cruzamento entre *construction* e *lexicon*.

³ “[...] any simple or composite expression which is frequently used and thoroughly mastered, thus acquiring the status of a habit or a cognitive routine” (Hamawand, 2011, p. 17).

⁴ “Structured means that the units are related to one another in organized ways. A linguistic unit consists of a semantic structure, a phonological structure and a symbolic structure linking them. The phonological structure refers to form, which can be spoken or written. The semantic structure refers to meaning, which is related to a concept. A concept is a thought or notion formed in the mind, which is symbolized in language by means of phonological structures. The linkage between the phonological and semantic structures is not arbitrary. Rather, it is motivated by the manner in which speakers interact with the world” (Hamawand, 2011, p. 17).

fonológico simboliza o polo semântico. A forma e o significado contribuem igualmente para a constituição da formação resultante. Os dois polos são, portanto, inseparáveis (Hamawand, 2011, p. 18, tradução nossa⁵).

Para exemplificar, com base em Hamawand (2011), é possível tomar o sufixo português *-eza*, presente em *beleza*, *clareza* e *dureza*, como sendo um pareamento entre o polo fonológico /eza/ e o polo semântico que aponta o conceito de ‘qualidade ou ‘característica’. Por isso, *beleza*, *clareza* e *dureza* podem se referir às qualidades de ser *belo*, *claro* e *duro*, respectivamente.

Na segunda seção, destinada à *convencionalidade*, Hamawand (2011) defende a ideia de que a gramática de uma língua é também, por natureza, convencionalizada, e isso tem a ver com o fato de as unidades linguísticas se estabelecerem a partir de repetidos eventos de uso. O autor chama à atenção de que a maioria das unidades linguísticas, ou construções (em outros termos), se organizam com base em relações de esquema-instanciação. O pressuposto da *convencionalidade*, além de reforçar o caráter construcionista da Morfologia Cognitiva, ratifica o seu aspecto cognitivo-funcional que se orienta pelo uso. As noções de *esquema* e *instanciação* apresentadas por Hamawand (2011) não se diferenciam substancialmente daquelas vistas em outras propostas construcionistas, como Goldberg (2006) e Booij (2010). Nas palavras de Hamawand (2011):

Um esquema é um padrão geral que é extraído a partir de instanciações reais. É uma representação mental com um significado geral, cujas especificidades são elaboradas pelas suas instanciações de maneiras contrastantes. O esquema é usado para cunhar e compreender novas expressões. Instanciações são unidades específicas que representam situações ou eventos. Elas são consideradas a base sobre a qual os esquemas são construídos. À luz da visão cognitiva, a gramática consiste tanto em padrões gerais quanto em unidades específicas. Embora os usuários da língua extraiam os padrões gerais de unidades específicas, eles armazenam na memória os específicos, criando assim redundância no seu conhecimento linguístico. Os esquemas exibem diferentes propriedades. Eles são variáveis no sentido de que permitem uma gama de valores. Eles são flexíveis no sentido de que eles podem mudar conforme o uso. Eles são

⁵ “Morphological expressions are bipolar. They have two poles: phonological and semantic. The act of mating the phonological and semantic poles is referred to as pairing. The pairing is motivated by discourse demands or communicative purposes. The phonological pole symbolizes the semantic pole. The form and meaning equally contribute to the make-up of the resulting formation. The two poles are thus inseparable” (Hamawand, 2011, p. 18).

enciclopédicos no sentido de que eles capturam os variados tipos de experiência (Hamawand, 2011, p. 19-20, tradução nossa⁶).

Acerca desse último excerto, cabe comentar aspectos que ressaltam a proximidade da Morfologia Cognitiva com outros modelos, como a própria Morfologia Construcional. Todo o processo de esquematização descrito por Hamawand (2011) é descrito de maneira similar ou idêntica em Booij (2010). Ou seja, é razoável pensar, com base nos dois modelos, que um falante de português, exposto a formas prefixadas com *in-*, como *infeliz*, *intolerante* e *insuportável*, seja capaz, a partir dessas instanciações (unidades específicas), abstrair um esquema que associe esse conjunto de palavras a um conceito de negação. Esse esquema abstraído permite a criação e a interpretação de formas novas ou menos usuais que o falante possa não conhecer, como *imbrochável*, *invotável*, *incomível* e *imorrível*.

Outro aspecto de proximidade entre as propostas é a questão do armazenamento mnemônico: nos dois modelos, o fato de o falante abstrair um esquema morfológico não acarreta o apagamento das formas específicas. Nesse sentido, tanto a Morfologia Construcional quanto a Morfologia Cognitiva se assentam numa visão de Teoria da Entrada Plena (Jackendoff, 1997), distanciando-se de modelos como o de Pinker (1999), assentado em uma Teoria da Entrada Empobrecida, em que, uma vez abstraída a generalização, as formas específicas, mesmo amplamente usuais, são geradas *online*, o que tornaria, nessa visão, o armazenamento linguístico aparentemente mais econômico, embora aumente o custo de acionamento de regras e esquemas. Por último, um aspecto de distanciamento entre Morfologia Construcional e Morfologia Cognitiva é o compromisso explícito de Hamawand (2011) com o experiencialismo, tão caro à Linguística Cognitiva, modelo teórico com o qual, como já dito em outra seção, Booij (2010) não se compromete veemente.

O terceiro pressuposto cognitivo discutido por Hamawand (2011) é o da *criatividade*. Segundo o autor, a gramática de uma língua deve ser entendida como o produto da *criatividade* dos falantes. Por *criatividade*, compreende-se

[...] a capacidade de usuários da língua cunharem uma nova expressão a partir de uma expressão convencionalizada, ou de interpretar

⁶ “A schema is a general pattern which is extracted from actual instances. It is a mental representation with a general meaning, whose specifics are elaborated by its instances in contrasting ways. The schema is used to coin and understand novel expressions. Instances are specific units which represent situations or events. They are regarded as the basis on which schemas are built. In the light of the cognitive view, grammar consists of both general patterns and specific units. Even though language users extract the general patterns from the specific units, they store in memory the specific ones, thus creating redundancy in their linguistic knowledge. Schemas display different properties. They are variable in the sense that they allow for a range of values. They are flexible in the sense that they are liable to change through use. They are encyclopaedic in the sense that they capture various types of experience” (Hamawand, 2011, p. 19-20).

a mesma situação de formas alternativas, usando expressões linguísticas diferentes. O uso de uma expressão nova envolve criatividade, porque o falante tem de encontrar uma expressão ou padrão já existente na língua o qual sirva de base para a produção da nova expressão (Hamawand, 2011, p. 21-22, tradução nossa⁷).

Nos termos de Hamawand (2011), a noção cognitiva de *criatividade* está associada diretamente à de *analogia*, que serve para explicar o porquê de novas palavras serem criadas a partir de modelos já convencionalizados. Para exemplificar tais aspectos, Hamawand (2011) aponta as expressões com o item *neo-* no inglês, significando ‘novo’ ou ‘recente’. Segundo o autor, de uma expressão como *neo-baroque* ‘neobarroco’, podem ser criadas *neo-classical* ‘neoclássico’, *neo-colonialism* ‘neocolonialismo’, *neo-fascist* ‘neofascista’, *neo-populism* ‘neopopulismo’, entre outras. Esse aspecto, inegavelmente, diz respeito a uma capacidade cognitiva que merece ser apontada como base de um modelo teórico em morfologia, mas vale ressaltar que está longe de ser algo inovador, uma vez que os processos analógicos da formação de palavras estão relatados na literatura linguística de diferentes abordagens teórico-metodológicas, como o estruturalismo saussuriano, no tratamento das relações associativas (Saussure, 2012 [1916]), e o gerativismo lexicalista, por meio das regras de formação de palavras (Aronoff, 1976).

A Morfologia Cognitiva, ao considerar a criatividade e a analogia como pressupostos cognitivos da formação de palavras, filia-se a uma tradição dos estudos morfológicos de uma maneira geral, a chamada Morfologia Criativa (Benczes, 2006; 2011), mas também estabelece uma proximidade com outras visões construcionistas de orientação cognitivo-funcional, como a de Bybee (2016 [2010]), por exemplo, para quem, a analogia é

o processo pelo qual enunciados novos são criados com bases em enunciados de experiências prévias. A analogia também requer categorização; as partes de ocorrências anteriormente produzidas podem ser segmentadas em unidades que são alinhadas e categorizadas antes que novos enunciados possam ser formados com elas. A analogia é de domínio geral e tem sido estudada em termos de estruturas relacionais sobre estímulos visuais, como cenas, formatos e cores [...] (Bybee, 2016 [2010], p. 27).

⁷ “[...] the ability of language users to coin a novel expression from a conventional expression, or construe the same situation in alternate ways using different linguistic expressions. The use of a novel expression involves creativity because the speaker has to find an already existing expression or pattern in the language on the basis of which the new expression can be produced” (Hamawand, 2011, p. 21-22).

Com base nesse excerto de Bybee (2016 [2010]), vale comentar que a analogia é um processo que não se restringe às estruturas morfológicas. Basta notar que, em seu comentário, essa autora se refere a enunciados, uma estrutura de complexidade maior que as palavras. E mais do que isso, identifica-se que a analogia é um processo de domínio geral, o que ratifica o caráter cognitivo-funcional da Morfologia Cognitiva, não separando cognição geral e cognição linguística.

A quarta premissa cognitiva da Morfologia Cognitiva, como apontada por Hamawand (2011), é a da *autenticidade*. Segundo o autor,

[a]utenticidade é a qualidade de unidades linguísticas serem reais ou verdadeiras, em conformidade com os fatos e, portanto, dignas de crenças. A gramática é derivada do uso da linguagem ou baseada em enunciados. *Enunciados* são instanciações reais da língua, que representam eventos de uso. *Um evento de uso* é um enunciado real usado para atender a um propósito particular em uma comunicação (Hamawand, 2011, p. 24, tradução nossa⁸).

Sinteticamente, o pressuposto cognitivo da *autenticidade* serve para reforçar o caráter funcionalista da proposta da Morfologia Cognitiva. Ao evidenciar sistematicamente a importância do uso, Hamawand (2011) estabelece um distanciamento em relação à Morfologia Construcional, de Booij (2010), onde o uso é importante, mas os seus efeitos no tratamento da construção morfológica são tratados de forma superficial.

A última seção do capítulo de “Pressupostos cognitivos”, de Hamawand (2011), aborda a *semânticidade*, que, segundo o autor, é “a capacidade de unidades linguísticas, sejam elas sintagmas simples ou sentenças completas, de transmitirem significado por meio de símbolos” (Hamawand, 2011, p. 26, tradução nossa⁹). Nas bases teórico-epistemológicas da Morfologia Cognitiva, o significado “é equiparado à conceptualização”¹⁰, “reflete não apenas o conteúdo de uma situação, mas também a forma como o falante descreve o conteúdo de formas alternativas”¹¹ e “é

⁸ “*Authenticity* is the quality of linguistic units being real or true, conforming to fact and therefore worthy of belief. Grammar is derived from language use or grounded in utterances. *Utterances* are actual instances of language, which represent usage events. *A usage event* is an actual utterance used to serve a particular purpose in communication” (Hamawand, 2011, p. 24).

⁹ “the ability of linguistic units, be they simple phrases or complete sentences, to convey meaning by means of symbols” (Hamawand, 2011, p. 26).

¹⁰ “is equated with conceptualization” (Hamawand, 2011, p. 26).

¹¹ “reflects not only the content of a situation, but also how the speaker describes that content in alternative ways” (Hamawand, 2011, p. 26).

transmitido no discurso falado ou escrito”¹². A partir dessas premissas em relação ao significado, Hamawand (2011) estabelece o que entende pelos conceitos de *texto*, *contexto*, *ambiguidade* e *rivalidade*, apontando também o impacto dessas noções para o modelo que propõe:

Um *texto* é um conjunto de material falado ou escrito que representa uma unidade estendida da língua. O significado de um texto pode ser derivado do contexto em que ele ocorre. *Contexto* é a parte de um discurso em torno de uma expressão que elimina a ambiguidade de seu significado. O contexto explica dois fenômenos. O primeiro é a *ambiguidade*, o caso em que uma ou a mesma expressão pode ser interpretada de mais de uma forma. [...] O outro é a *rivalidade*, o caso em que dois ou mais afixos ou expressões lexicais ocorrem em um mesmo ambiente, mas transmitem mensagens diferentes (Hamawand, 2011, p. 26, tradução nossa¹³).

Com base nesse último excerto, pode-se assumir que, para Hamawand (2011), o conceito de texto está ligado à matéria linguística estendida, que pode ser escrita ou falada. O contexto, por sua vez, é a situação linguístico-comunicativa em que o texto ocorre. Esse contexto subsidia os entendimentos de *ambiguidade* e *rivalidade*.

A *ambiguidade*¹⁴ é um conceito bastante conhecido nos estudos semânticos e diz respeito à capacidade de uma expressão linguística ter mais de um significado. No nível lexical, a ambiguidade pode ser decorrente de uma polissemia ou uma homonímia. Por exemplo, *chaveiro* é uma palavra ambígua, pois pode se referir tanto a um profissional quanto a um objeto. Os contextos “Os meninos conseguiram abrir meu carro. Graças a Deus, não precisei gastar com *chaveiro*” e “Eu acabei de comprar o *chaveiro* mais bonito do mundo”, extraídos do *X/Twitter*, desfazem tal ambiguidade, pois o primeiro só admite a interpretação de um profissional que lida com chaves, e o segundo, a ideia de um objeto passível de ser comprado. A *ambiguidade* está

¹² “is conveyed in spoken or written discourse” (Hamawand, 2011, p. 26).

¹³ A *text* is a body of spoken or written material which represents an extended unit of language. The meaning of a text can be derived from the context in which it occurs. *Context* is the part of a discourse surrounding an expression which disambiguates its meaning. Context accounts for two phenomena. One is *ambiguity*, the case when one and the same expression can be interpreted in more than one way. [...] Another is *rivalry*, the case when two or more affixes or lexical expressions occur in the same environment but convey different messages (Hamawand, 2011, p. 26).

¹⁴ No âmbito da Morfologia Cognitiva, assim como na Morfologia Construcional e de diversas outras abordagens construcionistas, a ambiguidade não deve ser entendida como um aspecto que atinge o item individualmente. Com isso, não se quer dizer que morfemas e palavras não possuam significados apriorísticos. Pelo contrário, acredita-se que, em função do uso frequente e de sua consequente rotinização (Bybee, 2016 [2010]), as construções possam ser armazenadas no *constructicon* do falante com significados específicos e independentes, mas, na interação linguística, outros significados podem surgir, a depender das construções com que sejam compatibilizadas. Assim, a ambiguidade é também uma propriedade da combinação de construções, não só das construções individuais.

relacionada, nesse caso, à polissemia da palavra *chaveiro*. Isso pode acontecer no nível morfológico também. O prefixo *des-* é ambíguo, pois se comporta de forma polissêmica, mas essa ambiguidade se desfaz no contexto: em *desligar* e *desarticular*, *des-* apresenta um significado de reversão de uma ação descrita pela base verbal, mas, em *desonesto* e *desleal*, *des-* apresenta um significado de negação de uma qualidade.

Por fim, a *rivalidade*¹⁵ mencionada por Hamawand (2011) pode ser observada através dos exemplos *sanguíneo* e *sanguinário*, palavras de origem erudita derivadas de *sangue*. Nos contextos, também extraídos do *X/Twitter*, “Família é quem te procura, quem te liga, quem te visita, quem te apoia. Laço *sanguíneo* não significa família” e “Israel não quer esse ditador *sanguinário*”, vê-se que os sufixos *-eo* e *-ário* se conectam à base *sangue* na formação de adjetivos, mas *sanguíneo* tem um caráter relacional e, em certa medida, neutro, ao passo que *sanguinário* apresenta um sentido mais ativo que deixa entrever, no contexto, o valor depreciativo atribuído pelo usuário.

Mecanismos cognitivos na Morfologia Cognitiva

No capítulo intitulado “Mecanismos cognitivos”, Hamawand (2011) discute não só as formas como as unidades linguísticas se integram para formar novas palavras, como também as interpretações resultantes desses processos de integração. O capítulo se divide em duas seções principais que se ramificam em subseções. Na seção destinada aos mecanismos de *integração*, discutem-se os princípios de *correspondência*, *dependência*, *determinância/determinação* e *constituencial/constituição*. Já na seção destinada aos mecanismos de *interpretação*, discutem-se as noções de *composicionalidade* e *analísabilidade*.

A integração, nos termos de Hamawand (2011), se refere à capacidade de unidades morfológicas serem combinadas em uma sequência linear, em casos de processos concatenativos (flexão, afixação e composição) ou não linear, nos casos de processos não concatenativos (truncamento, cruzamento vocabular etc.). Essa integração não é aleatória e depende consideravelmente do grau de compartilhamento de características entre tais unidades. Por isso, “a presença ou ausência destas características, frequentemente, tem consequências surpreendentes para o valor semântico e o comportamento gramatical da construção” (Hamawand, 2011, p. 30, tradução nossa¹⁶). A noção de integração se relaciona intimamente à de *unificação*, conforme Booij

¹⁵ A rivalidade, sob um viés cognitivo baseado em uso, pode ser entendida como decorrente da interação das construções e da avaliação que os falantes fazem delas. A diferença entre os significados de *sanguíneo* e *sanguinário*, tomados como exemplo no parágrafo, não são decorrentes apenas dos significados individuais e apriorísticos de *sangue*, *X-eo* e *X-ário*, até porque *X-ário* instancia *dentário*, que tem significado relacional, ao mesmo tempo em que *X-eo* instancia *hercúleo*, que tem um significado mais ativo. Assim, a especialização semântica de *sanguinário* e *sanguíneo* só pode ser justificada através de eventos de usos que historicamente se constituíram na língua portuguesa.

¹⁶ “The presence versus absence of these features often has striking consequences for the semantic value and the grammatical behaviour of the construction” (Hamawand, 2011, p. 30).

(2010), ou *compatibilização*, nos termos de Gonçalves e Almeida (2014), ainda que existam diferenças sensíveis. Sobre esse aspecto, use-se o apontamento de Gonçalves e Almeida (2014), que comentam:

Novas palavras podem ser criadas por meio do que Booij (2010) denomina “unificação” de um esquema com um item lexical. Julgamos mais interessante nomear esse mecanismo de “compatibilização”. Nesse caso, a ideia é que o item combine suas propriedades lexicais com as propriedades semântico-gramaticais da construção. Dessa forma, é instaurada uma relação bidirecional da construção para o item e do item para a construção. Evidência disso é a compatibilização da palavra portuguesa “passeador”, utilizada em referência a pessoas que recebem remuneração para levar animais de estimação, geralmente cachorros, para andar nas ruas. Nesse caso, a unificação do verbo “passear” com o esquema de deverbais em *-dor* resulta no constructo “passeador” (“aquele que passeia (com cachorros) profissionalmente”). Na proposta de Booij (2010), unificação (leia-se compatibilização) é a operação utilizada para criar expressões linguísticas bem formadas (Gonçalves; Almeida, 2014, p. 176).

Nos termos de Hamawand (2011), a criação de itens lexicais novos só é possível pelo mecanismo cognitivo de integração, que depende da compatibilidade entre as unidades morfológicas envolvidas na construção. A integração está relacionada aos quatro princípios já mencionados: *correspondência*, *dependência*, *determinância/determinação* e *constituência/constituição*.

O princípio da *correspondência* diz que as unidades morfológicas só podem se integrar, para formar uma estrutura mais complexa, quando elas apresentam certos elementos em comum tanto no nível semântico quanto no nível formal. O princípio da *dependência* caracteriza o desequilíbrio da construção morfológica que pode integrar uma subparte autônoma e uma subparte não autônoma. O princípio da *determinação* está ligado à relação sintático-semântica de modificador e modificado que os elementos da construção morfológica estabelecem entre si. Por fim, o princípio da *constituência* diz respeito às diversas formas como os elementos podem ser constituídos, o que pode gerar, em alguns casos, diferenças de interpretações.

Para entender esses princípios relacionados ao mecanismo de integração, seja tomada como objeto de observação a construção sufixal $[X_A\text{-idade}]_S$. Essa construção se caracteriza pela combinação de um adjetivo com o sufixo *-idade* para a formação de um substantivo abstrato com a ideia de ‘qualidade’ ou ‘característica’, como se pode ver em *feliz/felicidade*, *insalubre/insalubridade*, *legal/legalidade* e *moral/moralidade*. Do ponto de vista do princípio da correspondência, pode-se dizer que a construção

[X_A-idade]_S restringe formal e semanticamente os elementos com que se combina. Formações mais recentes, como *passabilidade* e *pansexualidade*, mostram que essas restrições seguem vigorando, visto que *passável* e *pansexual* são adjetivos que, nos seus contextos de uso, se referem a aspectos que podem ser descritos em termos de qualidades e propriedades.

Em relação ao princípio da dependência, nota-se que há, nas instanciações da construção [X_A-idade]_S, a combinação de uma parte livre, a base adjetiva, e uma parte presa, o sufixo *-idade*. A parte livre tem existência formal e semântica independentemente da construção em questão, já o sufixo *-idade* depende formal e semanticamente das bases livres a que se anexa. Esse aspecto permite caracterizar a Morfologia Cognitiva como sendo também um modelo morfológico baseado em palavras, assim como a Morfologia Construcional, entretanto não é tão taxativo quanto a Morfologia Construcional, no sentido de defender que o morfema não seja uma construção, algo que é defendido veemente por Booij (2010).

No princípio da determinação, defende-se que a construção morfológica condensa uma relação sintático-semântica que nem sempre fica clara, mas que está presente, através do estabelecimento de um constituinte determinante/modificador e outro determinado/modificado. As realizações *felicidade* e *insalubridade*, por exemplo, podem ser parafraseadas como ‘qualidade de quem é feliz’ e ‘qualidade do que é insalubre’. Nessas paráfrases, o substantivo *qualidade* funciona como núcleo da estrutura sintagmática correspondente, e todo o restante são determinantes que modificam o núcleo. Na vinculação dessa paráfrase com a estrutura morfológica, a parte que corresponde ao núcleo *qualidade* é o sufixo *-idade*, e a base específica que tipo de qualidade será descrita. Assim, conforme o princípio da determinação, na construção [X_A-idade]_S, o sufixo *-idade* funciona como núcleo, ao passo que a base se comporta como determinante/modificador.

Por último, no princípio da constituência, defende-se que a ordem das operações de concatenação e a forma como são feitos os agrupamentos dos itens morfológicos têm impacto no significado da instanciação. Para melhor entender tal princípio, vale tomar o exemplo dado por Hamawand (2011), de *unlockable*. Esse adjetivo do inglês pode ser concatenado de duas formas. Na primeira possibilidade, combina-se o sufixo *-able* ‘-vel’ ao verbo *unlock* ‘desbloquear, destrancar’, caracterizando o significado de desbloqueável/destrancável ‘que pode ser desbloqueado ou destrancado’. Na segunda possibilidade, combina-se o prefixo *un-* ‘não- ou in-’ ao adjetivo *lockable* ‘bloqueável, trancável’, caracterizando a noção de ‘que não pode ser trancado ou desbloqueado’.

O princípio da consituência pode servir de orientação para a explicação de diferentes compreensões acerca dos processos de compatibilização das construções linguísticas. Vejam-se dois casos (Figuras 1 e 2) extraídos de seções de comentários de páginas de receitas disponíveis na internet.

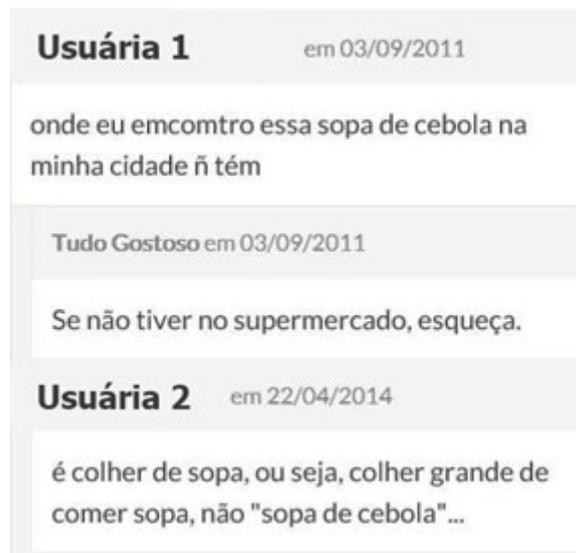


Figura 1 – Colher de sopa de cebola.

Fonte: Buzzfeed/Site Tudo Gostoso.

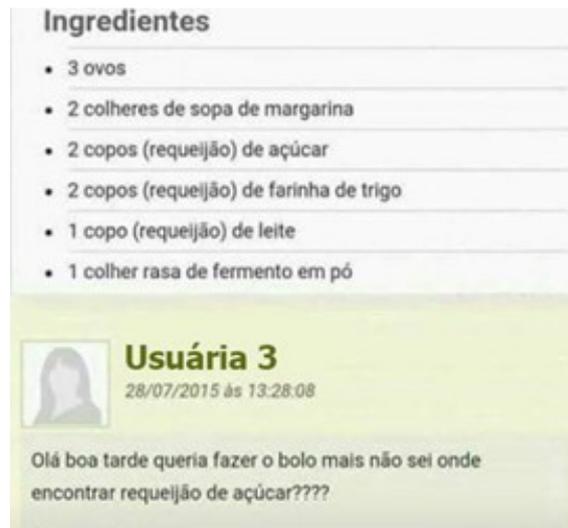


Figura 2 – Copo de requeijão de açúcar.

Fonte: Buzzfeed/Site Tudo Gostoso.

Na Figura 1, a Usuária 1 pergunta sobre *sopa de cebola*, ao que a Usuária 2 responde e esclarece que é uma *colher de sopa*. Provavelmente, a receita falava de *colher de sopa de cebola*, e a primeira usuária entendeu que se tratava de uma colher de uma sopa de cebola, e a segunda falou de uma *colher de sopa* (unidade de medida) de cebola. A partir do princípio da constituência, pode-se assumir que a interpretação da primeira é baseada em uma compatibilização entre $[colher]_N$, $[de]_{PREP}$ e $[sopa\ de\ cebola]_{SN}$, ao passo que a interpretação da segunda está estada na compatibilização entre $[colher\ de\ sopa]_N$, $[de]_{PREP}$ e $[cebola]_N$.

Na Figura 2, a situação se repete, mas com a construção *copo de requeijão de açúcar*. A situação é relativamente esdrúxula, pois não há um produto culinário chamado *requeijão de açúcar*, porém não se pode ignorar que a Usuária 3 tenha feito essa interpretação, a despeito de a receita sugerir que *copo de requeijão*, aquele que comporta o requeijão cremoso, seja a unidade de medida de referência para a quantidade de *açúcar* a ser usada na preparação. Assim, à luz do princípio da constituência, o entendimento proposto na receita está ligado à compatibilização entre [copo de requeijão]_{SN}, [de]_{PREP} e [açúcar]_N, e o entendimento da usuária, por sua vez, relaciona-se com a compatibilização entre [copo]_N, [de]_{PREP} [requeijão de açúcar]_{SN}.

Os casos da Figura 1 e da Figura 2 podem não ser os melhores exemplos para abordar o princípio da constituência nos termos de Hamawand (2011), mas eles servem para mostrar que diferentes interpretações podem estar relacionadas a diferentes arranjos de constituição morfológica ou morfossintática (como nesses exemplos). É importante pontuar, nesses casos, o papel da experiência com as construções e a consolidação dessas no *constructicon* de cada falante. Esse é um aspecto fundamental para a teoria aqui apresentada.

Operações cognitivas na Morfologia Cognitiva

No capítulo destinado às operações cognitivas, Hamawand (2011) explica como elas são acionadas na produção e na interpretação de estruturas morfológicas. No entendimento do autor, as construções morfológicas podem ser mais bem explicadas, quando se faz referência às habilidades cognitivas humanas. Nesse âmbito, Hamawand (2011) elenca as operações de *categorização* e *conceptualização*. O autor menciona, ainda, a operação de *configuração*, que diz respeito ao ato mental de reunir diversos itens lexicais em um determinado domínio cognitivo, que pode apresentar várias facetas. Por uma questão de ordem prática, este artigo não explorará essa operação, ainda que se utilize da noção de *domínio cognitivo*, nos termos de Sweetser (1990)¹⁷.

Quanto à categorização, Hamawand (2011) a define como a operação mental em que os diversos significados de um item lexical podem ser agrupados em termos de protótipo e periferia, sendo o protótipo o significado central que serve de base para todos os outros significados que comporiam a periferia. Essa visão está amplamente ancorada na proposta de Lakoff (1987), que mostra que as categorias se organizam radialmente, com um elemento prototípico sendo aquele que melhor representa a categoria, por apresentar um maior número de características a ela atribuídas. À medida que se distancia do protótipo, o elemento vai se tornando mais periférico.

¹⁷ Para Sweetser (1990), a experiência molda e/ou configura o conhecimento e, conseqüentemente, os usos que são feitos da linguagem. Essa autora aponta três categorias de domínios cognitivos: *conteúdo* (relacionado com o mundo físico), *epistêmico* (relacionado com o universo mental) e *conversacional* (relacionado com os atos de fala e suas implicaturas).

Essa forma de explicar as categorias vai além das questões linguísticas, embora essas forneçam fortes evidências dos processos de categorização. No que toca à morfologia, Hamawand (2011) comenta:

Expressões morfológicas formam categorias complexas. Os significados de um morfema representam as experiências que os seres humanos encontram na vida. Os significados são ligados uns aos outros por um protótipo, o sentido que vem à mente primeiro e é o mais frequente da categoria. Do protótipo é derivado a periferia, os sentidos que contêm, algumas, mas não todas, propriedades do morfema. Um exemplo que ilustra a noção de categoria é o morfema derivacional *bi-*. A categoria que ele forma contém dois sentidos. Prototipicamente, significa ‘dois’, quando a raiz denota um objeto contável, como em *bicycle* ‘bicicleta’. Periféricamente, significa ‘duas vezes’, quando a raiz denota um aspecto temporal, como em *bi-annual* ‘bianual’ (Hamawand, 2011, p. 44, tradução nossa¹⁸).

Em linhas gerais, entende-se, conforme Hamawand (2011), que os morfemas e as demais construções morfológicas são pontos de acesso para processos de categorização. Através dessa operação, é possível organizar os diversos sentidos de um item ou expressão morfológica em termos de protótipo e periferia. Assim, a polissemia, por exemplo, pode ser amplamente abordada na Morfologia Cognitiva. Vale ressaltar que, na Morfologia Construcional, a polissemia também é abordada, quando Booij (2010) reconhece a fragmentação semântica das construções, porém não há um tratamento em termos de protótipos. Não se fala, portanto, de um significado prototípico, nem periférico.

A outra operação cognitiva apresentada por Hamawand (2011) é a de conceptualização, entendida como o ato mental de compreender uma situação de diversas maneiras. Associa a essa noção a ideia do *construal*, a capacidade de o falante conceptualizar uma situação de variadas formas e usar expressões linguísticas diferentes para representá-las no discurso. É nesse contexto que entra a ideia de *perspectiva*, o ponto de vista que o falante a depender das necessidades comunicativas.

¹⁸ “Morphological expressions form complex categories. The senses of a morpheme stand for experiences which humans encounter in life. The senses are linked to one another by extension from a prototype, the sense that comes to mind first and is the most frequent in the category. From the prototype is derived the periphery, the senses that contain some, not all, of the properties of the morpheme. An example illustrating the notion of category is the derivational morpheme *bi-*. The category it forms contains two senses. Prototypically, it means ‘two’ when the root denotes a countable object as in *bicycle*. Peripherally, it means ‘twice’ when the root denotes a temporal aspect as in *bi-annual*” (Hamawand, 2011, p. 44).

Para melhor entender as questões de conceptualização e perspectiva, é possível usar *aquarius* e *utrarius*, exemplos trazidos por Simões Neto (2020), de realizações da construção X-arius do latim. As duas instanciações se referem a um ‘homem que transporta e comercializa água’. Em *aquarius*, a base é *aqua*, *-ae* ‘água’, ao passo que, em *utrarius*, a base é *uter*, *utris* ‘odre, um saco de couro usado para transportar líquidos’. Veja-se que o conteúdo conceptual é o mesmo, mas *aquarius* toma como perspectiva o líquido/conteúdo, enquanto *utrarius* assume a perspectiva do recipiente/ continente.

Vale apontar que a noção de conceptualização usual na Linguística Cognitiva vai além do que propõe Hamawand (2011). A conceptualização é um processo multifacetado que diz respeito ao exercício de abstratização das experiências, crenças e práticas cotidianas pelos sujeitos, que as transformam em conceitos mentais, estabelecendo diversas relações conceptuais, como a metáfora e a metonímia (Lakoff; Johnson, 2002 [1980]). Assim, a conceptualização pode ser metafórica e metonímica, e isso pode ser visto nas construções morfológicas, como mostra Simões Neto (2020), com dados do latim e das línguas românicas. A expressão *faldreiro*, do galego, tem como base *faldra* ‘saia’ e significa ‘homem mulherengo’. Dessa forma, a base *faldra* ‘saia’ metonimicamente representa a mulher, no mesmo domínio. De outro lado, a forma italiana *moscaio* tem como base *mosca* e caracteriza tanto “um conjunto de moscas” quanto “uma reunião de pessoas chatas”. A ideia de ‘reunião de pessoas chatas’, segundo Simões Neto (2020), advém da metaforização de *mosca*, a partir da metáfora estrutural SER HUMANO É ANIMAL (Kövecses, 2010). Assim, assume-se, neste artigo, que a operação cognitiva de conceptualização deve incluir também os processos metafóricos e metonímicos que visam à compreensão de experiências cotidianas.

Exercício de aplicação da Morfologia Cognitiva ao português: as construções X-cefalia

A construção [X-cefalia]_N é um padrão de composição morfológica, nos termos de Ribeiro e Rio-Torto (2016) e Villalva (2020), ou de composição neoclássica, nos termos de Lüdeling (2009) e Gonçalves (2011). Esse tipo de composição envolve a concatenação de duas ou mais bases, sendo uma delas, ao mesmo, não autônoma na língua. Não raramente, os constituintes envolvidos nesse padrão de formação de palavras são de origem erudita, destacando-se a presença de elementos greco-latinos. Os compostos morfológicos e/ou neoclássicos costumam apresentar uma vogal de ligação e/ou delimitador de radicais, sendo o *-i-* mais comum nos compostos de origem latina (*uxor-i-cídio*, *mam-í-fero*, *centr-í-fuga*), e *-o-*, nos compostos de origem grega (*astr-o-logia*, *aracn-o-fobia*, *fisi-o-terapia*).

O elemento compositivo *-cefalia* é uma combinação de dois elementos do grego antigo, a palavra κεφαλή ‘cabeça’ e o sufixo *-ία*, que atuava na formação de substantivos abstratos, com ideias de qualidade ou condição. Não existia, no grego antigo, a combinação κεφαλία, nem como forma livre, nem como forma presa, tendo sido, portanto, uma criação de usuários das línguas modernas¹⁹, que, influenciados pelo renascimento cultural europeu, começaram, entre os séculos XIV e XVI, a lançar mão de formas cultas, sobretudo com uso de radicais do grego e do latim, línguas tomadas como símbolos de erudição. No século XIX, essa prática tem o seu ápice, quando podem ser vistos um sem-número de formações eruditas de base greco-latina compartilhadas entre as línguas modernas, incluindo *hidrocefalia* e *microcefalia*.

Os dados analisados neste artigo foram retirados de duas diferentes fontes e, por isso, receberam tratamentos diferenciados na condução da análise. As formas consagradas, como foram recolhidas do Dicionário Houaiss Eletrônico de Língua Portuguesa (DHELP), de Houaiss e Villar (2009). No DHELP, a busca por palavras terminadas com *-cefalia* gera uma lista de 27 verbetes, o que indica uma baixa produtividade desse padrão na língua, se comparado a outros, como *X-grafia* e *X-logia*, cujas buscas no mesmo dicionário apontam uma quantidade superior a 300 e a 500 verbetes, respectivamente.

Os registros dicionarizados terminados em *-cefalia* são quase totalmente restritos à rubrica geral da *medicina*, descrevendo anomalias que afetam a anatomia da cabeça, representando o crânio. Alguns poucos casos se situam na rubrica específica da *teratologia*, especialidade médica que se volta a anomalias e malformações cranianas no desenvolvimento fetal e/ou embrionário. Os casos incluídos na *teratologia* podem ser tomados também como descrições de condições de monstros mitológicos, como monstros de duas cabeças posicionadas em direções opostas (*janicefalia*) e monstros com uma cabeça, mas com outras partes do corpo duplicadas (*monocefalia*).

As 27 palavras dicionarizadas com a terminação em *-cefalia* não foram todas consideradas para a análise empreendida neste artigo, sendo excluídos os casos de prefixação (*acefalia*, *abraquiocefalia*), de formações com *-encefalia* (*anencefalia*, *macroencefalia*), que se referem ao conjunto do tronco cerebral (cérebro e cerebelo), e de designações da teratologia que se referem a condições de monstros mitológicos (*janicefalia*, *monocefalia*). Assim, esse conjunto de 27 se reduziu a 16: *acrocefalia*, *braquicefalia*, *dolicocefalia*, *escafocefalia*, *estenocéfalia*, *hidrocefalia*, *hipsocefalia*, *macrocefalia*, *megalocéfalia*, *mesaticéfalia*, *mesocéfalia*, *microcefalia*, *nanocefalia*, *paquicefalia*, *plagiocefalia* e *platicéfalia*.

¹⁹ No trabalho de Simões Neto, Santos e Salvador (2022), sobre compostos com *-fobia* no português, os autores apresentam uma diacronia do elemento compositivo, mostrando que *fobia* existia no grego apenas como uma forma presa, e o seu funcionamento como forma livre só acontece nas línguas modernas. No caso de *-cefalia*, não se documenta seu uso como forma livre nessas línguas. Nesse sentido, vale comentar que, mesmo *X-cefalia* e *X-fobia* sendo padrões de composição morfológica/neoclássica, cada esquema compositivo tem a sua própria trajetória e a sua própria dinâmica de uso.

Dicionários não costumam apresentar os contextos linguísticos de uso, restringindo-se a uma listagem de acepções já convencionalizadas. A listagem de palavras e acepções feita por dicionários tem um caráter altamente normativo, de forma que falantes comuns costumam entender que a não presença em um dicionário significa que uma palavra ou um significado não existe. Com esse aspecto rijo, não há, em princípio, como analisar dimensões de uso nesse tipo de fonte. Entretanto, cabem ressalvas a esse tipo de visão. O esquema X-cefalia é um padrão de formação de palavras eruditas e bastante restritas ao jargão técnico-científico. Assim, de forma especulativa, assume-se que seja um trabalho custoso e vão buscar o seu uso em *corpora* do português popular e de uso geral.

O dicionário, portanto, cumpre a importante função de indicar quais as formas já são conhecidas na língua. A partir dessas formas dicionarizadas, podem ser feitas buscas em plataformas como Google Acadêmico, a fim de verificar a difusão desses termos técnicos em artigos, teses e dissertações, aspecto que pode ser visto através dos dados de tempo de busca e de frequência, o que acaba fornecendo alguma dimensão de uso que muito interessa a esta pesquisa.

No Quadro 1, na página seguinte, essas realizações são apresentadas, com informações sobre datação (fornecidas pelo DHELP), significados (paráfrases das acepções dos verbetes do DHELP, com vistas a caracterizar as anomalias designadas) e dados de frequência (com resultados da busca das palavras no Google Acadêmico).

Com base nas informações do Quadro 1, pode-se confirmar que as formas consagradas de X-cefalia descrevem anomalias relacionadas às propriedades físicas da região da cabeça, em especial, o crânio. A baixa quantidade de realizações diferentes com o padrão X-cefalia permite considerar que seja um padrão de baixa frequência *type* (Bybee, 2016 [2010]). Do ponto de vista formal, nessas palavras, há uma opção por um radical de origem grega na primeira posição, ressaltando o caráter erudito dessas formações. A vogal de ligação ou delimitadora de radicais /o/, típica dos compostos de origem grega, embora presente na maioria das realizações, não aparece em alguns casos, como *platicefalia* e *braquicefalia*, que apresentam o /i/ na mesma função.

No que toca à datação, desconsiderando-se os casos em que não há informações da primeira atestação, todos os registros se situam entre a segunda metade do século XIX e a segunda metade do século XX. Confirmadamente, os dados mais antigos são: *macrocefalia* (1858), *microcefalia*/*nanocefalia* (1873) e *hidrocefalia* (1881). À exceção de *nanocefalia*, certamente sucumbido pelo sinônimo *microcefalia*, esses usos são também os mais frequentes, com o maior índice de frequência *token* (Bybee, 2016 [2010]) na base do Google Acadêmico.

Quando são levadas em conta a primazia histórica, a frequência e a estabilização por meio da dicionarização, torna-se mais seguro afirmar que, no caso da construção [X-cefalia]_N, as instanciações que designam anomalias cranianas – devidamente

reconhecidas pela comunidade médico-científica – caracterizam o uso prototípico desse padrão compositivo na língua portuguesa. É possível, então, sintetizar esse protótipo da seguinte maneira: (a) situa-se no domínio cognitivo de conteúdo, uma vez que descreve propriedades do mundo físico; (b) formalmente, combina uma base erudita – quase sempre um radical preso – com o elemento compositivo fixo *-cefalia*; (c) semanticamente, designa uma anomalia na estrutura do crânio, sendo a especificidade da anomalia indicada pelo significado da base erudita à esquerda.

Quadro 1 – Formações X-cefalia dicionarizadas

| Realização | Datação | Significado (Caracterização da anomalia) | Frequência |
|-------------------|----------------|--|-------------------|
| acrocefalia | 1913 | Crânio alto, com forma cônica ou pontiaguda | 322 (0,02 s) |
| braquicefalia | 1958 | Crânio pouco alongado e de formato ovoide | 2.560 (0,05 s) |
| dolicocefalia | s.d. | Crânio alongado com diâmetro transversal menor do que o diâmetro anteroposterior | 2.000 (0,02 s) |
| escafocefalia | 1899 | Crânio com formato abaulado e longo | 616 (0,03 s) |
| estenocefalia | 1899 | Crânio excessivamente estreito | 4 (0,03 s) |
| hidrocefalia | 1881 | Aumento anormal de fluido na cavidade craniana | 23.400 (0,03 s) |
| hipsocefalia | 1913 | Crânio com desenvolvimento superior a 75 cm | 4 (0,05 s) |
| macrocefalia | 1858 | Crânio muito desenvolvido | 7.030 (0,06 s) |
| megalocéfalia | 1899 | O mesmo que macrocefalia | 62 (0,05 s) |
| mesaticefalia | 1899 | Crânio com largura/altura entre 76 e 80 cm | 39 (0,05 s) |
| mesocefalia | 1899 | O mesmo que mesaticefalia | 261 (0,04 s) |
| microcefalia | 1873 | Pequenez anormal do crânio | 27.600 (0,03 s) |
| nanocefalia | 1873 | O mesmo que microcefalia | 26 (0,06 s) |
| paquicefalia | s.d. | Espessamento dos ossos do crânio | 20 (0,07s) |
| plagiocefalia | 1899 | Conformação assimétrica da cabeça | 1.970 (0,05 s) |
| platicefalia | 1899 | Crânio com abóbada achatada | 136 (0,06 s) |

Fonte: elaborado pelo autor.

No Quadro 2, apresenta-se um esquema onde se explicita a parte formal e a parte semântica da construção prototípica.

Quadro 2 – Esquema do uso prototípico de [X-*cefalia*]_N

DOMÍNIO DE CONTEÚDO

FORMA: base erudita + *-cefalia*

SIGNIFICADO: anomalia no crânio

(a ser especificada pelo significado da base erudita à esquerda)

Fonte: elaborado pelo autor.

A construção prototípica esquematizada no Quadro 2 serve de orientação para usos inovadores do padrão X-*cefalia* encontrados em redes sociais da *internet*, tais como X/Twitter, Facebook e Instagram. Esses novos usos, datados do século XXI, somam 24 realizações, ou seja, não são muitos e, no que tange à produtividade, não há diferença em relação às formas consagradas.

Importa comentar como foram encontradas as realizações inovadoras do padrão X-*cefalia* analisadas neste artigo. Num primeiro momento, de forma espontânea, foi identificado um *meme* com a palavra *bundacefalia* (Figura 8, a seguir). Essa forma foi listada em um banco de dados do autor deste artigo, com criações lexicais do português brasileiro em contextos de redes sociais de *internet*. Depois disso, foram aventadas diversas combinações com *-cefalia*. Essas formas induzidas foram consultadas nas ferramentas de busca das redes sociais referidas X/Twitter, a fim de verificar a sua existência e aplicação em contexto linguístico. Assim, foram obtidas 24 realizações que são mencionadas ao longo deste trabalho. Todas as realizações encontradas datam do século XXI, situando-se entre 2011 e 2023.

Outro destaque que merece ser feito diz respeito à impossibilidade de se computar a frequência das realizações encontradas, pois as redes sociais, sem o apoio de aplicativos externos²⁰, não fornecem os números, impossibilitando um contraste com os dados fornecidos pelo Google Acadêmico (Quadro 1). Por último, salienta-se que muitas dessas formas inovadoras são criações *ad hoc*, com apenas uma realização atestada. São, portanto, formações esporádicas (Bauer, 1983) que, na maioria dos casos, não se institucionalizaram. São criações planejadas pelos usuários das redes sociais para fins específicos, não se tratando de uma reprodução fidedigna da língua em uso em contextos comunicativos espontâneos e/ou reais. Ainda assim, há dimensões que devem ser consideradas, como a *simbolicidade*, *convencionalidade*, *criatividade*, *autenticidade* e *semânticidade*, que estão entre os pressupostos cognitivos do modelo de Hamawand (2011).

²⁰ Sobre esses aplicativos, veja-se o trabalho de Heineck (2021), que explica como um pacote do programa computacional R pode atuar na quantificação de formas lexicais encontradas no X/Twitter.

Dito isso, vejamos as Figuras 3 e 4, que trazem, por meio de capturas de tela feitas da rede social X/Twitter, as criações *paucefalia* e *filtrocefalia*, com contextos explicativos.

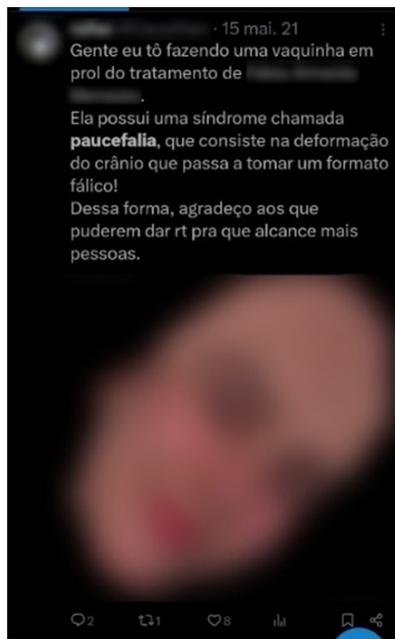


Figura 3 – Paucefalia.

Fonte: X/Twitter, com modificações do autor.



Figura 4 – Filtrocefalia.

Fonte: X/Twitter, com modificações do autor.

Na Figura 3, aparece a instanciização *paucefalia*, que, segundo o texto da própria captura de tela, “consiste na deformação do crânio que passa a tomar um formato

fálico”. Nesse contexto, *pau* se refere ao pênis. Há, nessa figura, uma imagem da pessoa cuja cabeça teria um formato peniano. Na Figura 4, há o texto “Homem é diagnosticado com um caso raríssimo de *filtrocefalia*”, acompanhado das fotos do rosto do homem com óculos escuros e de um filtro de barro com óculos similares. A ideia é mostrar que a estrutura da cabeça do homem em questão se assemelha a um filtro de barro. Nos dois casos, vale ressaltar, a construção *X-cefalia* tem caráter pejorativo, que estará presente em outros usos inovadores desse padrão compositivo.

Às instanciações *paucefalia* e *filtrocefalia*, somam-se *ovocefalia* e *peracefalia*, que caracterizam anomalias de crânios com formatos de *ovo* e *pera*, respectivamente. Esses quatro dados apontam que, nesse uso inovador, não houve uma mudança semântica propriamente dita, uma vez que, assim como nas consagradas *microcefalia* e *hidrocefalia*, há uma designação de anomalia craniana, especificada pelo significado da base à esquerda. As diferenças estão no aspecto pragmático, dada a pejoratividade, e no fato de que, nesses novos dados, a base à esquerda tende a ser de uma palavra vernácula, e não mais uma forma erudita. Assim, pode-se dizer que esses novos usos ainda estão no domínio cognitivo de conteúdo e se tornam possíveis por uma extensão das propriedades formais da construção prototípica. No Quadro 3, a seguir, representa-se o esquema com propriedades estendidas.

Quadro 3 – Esquema do protótipo estendido de $[X-cefalia]_N$

DOMÍNIO DE CONTEÚDO

FORMA: base erudita ou vernácula + *-cefalia*

SIGNIFICADO: anomalia no crânio

(a ser especificada pelo significado da base erudita ou vernácula à esquerda)

Fonte: elaborado pelo autor.

A partir dessa construção prototípica estendida, verificam-se outros dois usos inovadores do padrão *X-cefalia*, que parecem se relacionar metafórica ou metonimicamente com esse protótipo. O *link* metafórico se dá com usos de *X-cefalia* em que não há mais uma designação de uma anomalia física, mas sim de um pensamento ou comportamento anômalo. Nesse caso, há uma extensão do domínio do conteúdo para o domínio epistêmico. É essa projeção entre domínios que caracteriza a metaforização na rede de construção *X-cefalia*. Nas Figuras 5 e 6, a seguir, são apresentadas realizações desse uso metaforizado do esquema.



Figura 5 – BBBcefalia.

Fonte: X/Twitter, com modificações do autor.

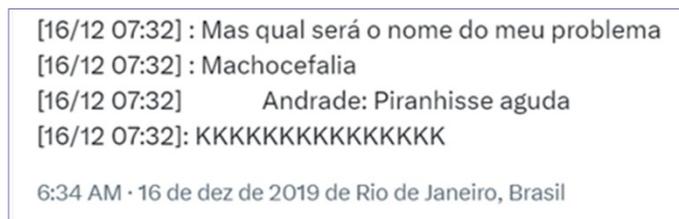


Figura 6 – Machocefalia.

Fonte: X/Twitter, com modificações do autor.

Nas Figuras 5 e 6, *BBBcefalia* e *machocefalia* designam um pensamento anômalo sobre algo que é expresso pelas bases, que são sempre palavras vernáculas, como se pode ver em outras sete realizações do mesmo tipo: *gatocefalia*, *cachaçacefalia*, *merda-cefalia*, *bucetacefalia*, *carrocefalia*, *cucefalia* e *futebolcefalia*. O objeto do pensamento é a base à esquerda dos compostos. Vale ainda comentar os dados *ventocefalia* e *bagrecefalia*, que não designam pensamentos anômalos sobre *vento* e *bagre*, mas estão relacionadas com os idiomatismos *cabeça de vento* ‘pessoa desatenta ou desajuizada’ e *cabeça de bagre* ‘pessoa estúpida’, em que *cabeça* é tomada metaforicamente como a sede da mente e do pensamento, uma compreensão baseada nas metáforas conceituais MENTE É UM RECIPIENTE e PENSAMENTOS SÃO SUBSTÂNCIAS. No Quadro 3, a seguir, representa-se o esquema desse uso metafórico de *X-cefalia*.

Quadro 3 – Uso metafórico-epistêmico de [X-cefalia]_N

DOMÍNIO EPISTÊMICO

FORMA: base vernácula + *-cefalia*

SIGNIFICADO: pensamento e/ou comportamento anômalo relacionado com o significado da base

Fonte: elaborado pelo autor.

Um último grupo de formações *X-cefalia* se insere no domínio cognitivo de conteúdo e estabelece uma relação de metonímia com o uso prototípico da construção.

As Figuras 7, 8 e 9, a seguir, ilustram esse uso metonímico, através dos dados *pica-cefalia*, *bundacefalia* e *orelhacefalia*.



Figura 7 – Picacefalia.

Fonte: X/Twitter, com modificações do autor.



Figura 8 – Bundacefalia.

Fonte: X/Twitter, com modificações do autor.



Figura 9 - Orelhacefalia.

Fonte: X/Twitter, com modificações do autor.

Nas Figuras 7 e 8, *picacefalia* e *bundacefalia* caracterizam anomalias relacionadas ao tamanho pequeno das partes do corpo que são designadas pelas palavras que integram a parte esquerda dos compostos. Vale comentar que, no século XXI, o

sistema de saúde pública do Brasil deu grande atenção aos casos de *microcefalia* em bebês cujas mães foram infectadas com o Zika Vírus durante a gravidez. Essa parece ser o fenômeno sociocultural que motiva a criação dessas palavras. No caso de *orelhacefalia* (Figura 9), não há a ideia de tamanho pequeno, no entanto, mantém-se a ideia de uma anomalia relacionada à parte do corpo. Em todos esses casos, nota-se que o X-cefalia não está mais caracterizando anomalias relacionadas ao crânio ou à mente. Outros dados, como *mãocefalia*, *dedocefalia*, *bocacefalia*, *pintocefalia*, *peitocefalia*, corroboram esse entendimento, e a maior prova disso talvez seja a realização de *cabeçacefalia*, na Figura 10 (a seguir), em que o usuário não tem problemas em compatibilizar *cabeça* e *-cefalia*.



Figura 10 - Cabeçacefalia.

Fonte: X/Twitter, com modificações do autor.

Diante desses dados, advoga-se, então, pela ideia de que esse uso de *X-cefalia*, por ser decorrente de uma metonímia do uso prototípico, deve estar situado no mesmo domínio de conteúdo, pois também descreve propriedades do mundo físico. Nesses usos, a base é sempre uma palavra vernácula que designa uma parte do corpo humano. Ou seja, há uma seleção dentro de todas as possibilidades do domínio, o que reforça o caráter metonímico. No Quadro 4, sistematiza-se esse conjunto de usos.

Quadro 4 – Uso metonímico de [X-cefalia]_N

DOMÍNIO DE CONTEÚDO

FORMA: base vernácula [parte do corpo] + *-cefalia*

SIGNIFICADO: anomalia em parte do corpo designada pela base vernácula

Fonte: elaborado pelo autor.

Esse último conjunto de usos pode ser ainda analisado como um caso de reanálise nos termos de Langacker (1987), uma reinterpretação da estrutura sem que haja alteração formal. Ou seja, diante de *microcefalia*, potencial palavra-modelo desse padrão, o falante reanalisou *-cefalia* como a parte que se refere a uma condição anômala de ter uma parte do corpo pequena, dando menor valor ao elemento compositivo *micro-*, cuja contribuição semântica foi englobada por *-cefalia* nesses novos compostos.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo a apresentação dos fundamentos teórico-metodológicos da Morfologia Cognitiva, modelo de Hamawand (2011), ainda pouco conhecido no Brasil. Destacou-se, ao longo do texto, a relevância dada pelo modelo às questões ligadas à semântica, à cognição e ao uso, fazendo com que, dentro do mercado teórico de modelos construcionais de análise morfológica, a proposta de Hamawand (2011) se revele como sendo a mais propícia para a abordagem de tais aspectos, uma vez que os coloca no centro da análise. Com isso não se quer dizer que outros modelos mais conhecidos e solidificados, como a Morfologia Construcional (Booij, 2010) e a Morfologia Relacional (Jackendoff; Audring, 2020), não possam dar conta de tais aspectos, mas esses dois últimos são modelos que, embora possam ser considerados construcionistas de orientação cognitivo-funcionais, não se vinculam explicitamente à Linguística Cognitiva ou à Linguística Funcional.

Na Morfologia Cognitiva, as operações cognitivas de conceptualização e categorização, amplamente utilizados na Semântica Cognitiva, são conceitos-chave para a análise morfológica. Assim, um modelo cognitivista que defende uma morfologia semanticamente motivada deve mostrar como essas operações cognitivas atuam nas construções morfológicas. Neste artigo, tentou-se explicitar o papel dessas operações através do estudo da construção X-cefalia, que instancia compostos neoclássicos/morfológicos na língua portuguesa.

A observação de 40 realizações de X-cefalia, sendo 16 dicionarizadas e 24 não dicionarizadas, de X-cefalia, permitiu evidenciar como as operações de categorização e conceptualização podem atuar em uma construção morfológica. Por meio da análise da operação de categorização, constatou-se a existência de um uso prototípico da construção e de usos periféricos, que se conectam com o protótipo por diferentes mecanismos de extensão. O uso prototípico de X-cefalia é o mais antigo, mais frequente e mais estabilizado da língua, está inserido no domínio de conteúdo e é típico do contexto técnico-científico. São instanciações desse protótipo *microcefalia* e *hidrocefalia*, que designam anomalias da estrutura craniana. A designação dessas anomalias é a caracterização semântica do uso prototípico de X-cefalia. Do ponto de vista formal, esse uso mais representativo se caracteriza por trazer uma base erudita na parte esquerda. O significado desse elemento à esquerda é que especificará o tipo de anomalia que afeta o crânio.

Foi identificada a extensão de propriedades formais do protótipo, por meio da análise de realizações inovadoras, como *filtrocefalia* e *paucefalia*, que designam anomalias cranianas, mas que trazem como bases à esquerda palavras vernáculas, igualmente responsáveis por definir o tipo de anomalia que afeta o crânio. Por ser uma extensão do protótipo, esse uso se mantém no domínio cognitivo de conteúdo.

A análise da operação de conceptualização foi a chave para entender a conexão do protótipo estendido com os usos mais periféricos. O acionamento de metáforas conceptuais, como *MENTE É UM RECIPIENTE* e *PENSAMENTOS SÃO SUBSTÂNCIAS*, explica o significado visto em *machocefalia*, *BBBcefalia*, *cachaça-cefalia* e *futebolcefalia*, que designam anomalias de pensamento e comportamento, e a palavra vernácula que integra a posição da esquerda do composto aponta o alvo desses pensamentos. Esse uso se insere no domínio epistêmico, e é a metaforização o recurso conceptual responsável por conectar os domínios diferentes. Destaca-se, nesse grupo de dados, a compreensão da cabeça como a sede da mente e do pensamento.

Por último, casos como *bundacefalia*, *bocacefalia*, *orelhacefalia* e *peitocefalia* se relacionam com o protótipo por meio de metonímia. Uma vez que a metonímia é uma projeção dentro do mesmo domínio, esse uso deve se situar no domínio cognitivo de conteúdo, assim como o protótipo, pois descreve propriedades do mundo físico. Do ponto de vista semântico, esses usos caracterizam anomalias que afetam partes do corpo, não tendo uma relação evidente com cabeça. Do ponto de vista formal, a palavra vernácula que ocupa a posição da esquerda do composto deve ser sempre designar a parte do corpo afetada pela anomalia.

Na Figura 11, a seguir, apresenta-se uma proposta de sistematização da análise desenvolvida neste artigo.

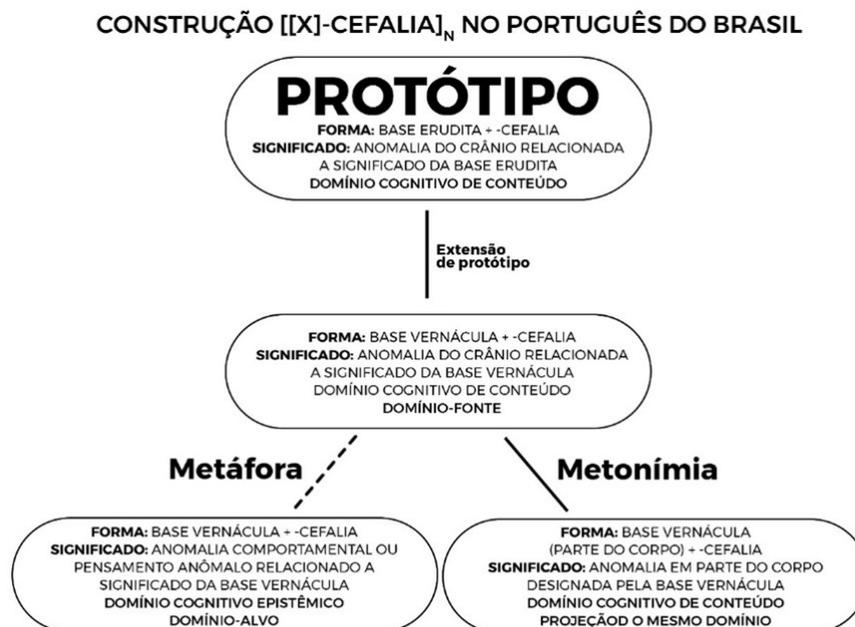


Figura 11 – Construção X-cefalia no português do Brasil.

Fonte: elaborado pelo autor.

Espera-se que a explicitação dos fundamentos teórico-epistemológicos da Morfologia Cognitiva e a análise das construções X-cefalia sirvam para uma melhor compreensão do modelo proposto por Hamawand (2011). Esse modelo tem lacunas em relação à sua aplicação, mas essas podem ser supridas à medida que o modelo começa a ser aplicado a mais fenômenos morfológicos. Se, de um lado, foi dito que a Morfologia Construcional, de Booij (2010), tem problemas na exploração de questões semântico-cognitivas, de outro lado, a Morfologia Cognitiva tem problemas relacionados à formalização do seu quadro de análise. É por isso que, como já dito na introdução deste artigo, essa proposta não deve prescindir outra que já está mais consolidada, apenas deve servir para expandir o horizonte das pesquisas em morfologia dentro da perspectiva construcional.

Referências

- ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: Mit Press, 1976.
- BASILIO, M. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 11-26, 2010.
- BASILIO, M. Metáfora e metonímia em nomes compostos em português: um estudo de construções S-Adj. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 95-109, 2016.
- BASILIO, M. Metaphor and Metonymy in Word Formation. *DELTA*, São Paulo, v. 22, p. 67-80, 2006.
- BASILIO, M. Metonímia e metáfora em construções lexicais no Português do Brasil. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 1, p. 389-94, 2014.
- BASILIO, M. O papel da metonímia na morfologia lexical. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, [s.l.], v. 9, p. 99-117, 2011.
- BASILIO, M. O papel da metonímia nos processos de formação de palavras: um estudo dos verbos denominais em Português. *Revista da ABRALIN*, [s.l.], v. 6, p. 9-21, 2007.
- BAUER, L. *English word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- BENCZES, R. Blending and creativity in metaphorical compounds: A diachronic investigation. In: HANS-JÖRG, S. ; HANDL, S. (ed.). *Windows to the Mind: Metaphor, Metonymy and Conceptual Blending*. Berlin, NY: Mouton Gruyter, 2011. p. 247-68.
- BENCZES, R. *Creative Compounding in English: The Semantics of Metaphorical and Metonymical Noun-Noun Combinations*. Amsterdam: John Benjamins, 2006.
- BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

- CASTRO DA SILVA, C. C. *et al.* Percurso histórico das formações parassintéticas a-X-ecer e e/N/-X-ecer: produtividade e polissemia. In: ALMEIDA, M. L. L. *et al.* (org.). *Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2010. p. 157-66.
- CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GONÇALVES, C. A. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *ReVEL*, [s.l.], edição especial, n. 5, 2011.
- GONÇALVES, C. A. *et al.* Para uma estrutura radial das construções X-ão do português do Brasil. In: ALMEIDA, M. L. L. *et al.* (org.). *Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2010. p. 141-56.
- GONÇALVES, C. A. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.
- GONÇALVES, C. A. *Morfologia relacional: introdução e aplicação ao português*. Campinas: Pontes Editores, 2021.
- GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. de. Morfologia Construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 165-93, 2014.
- HAMAWAND, Z. *Morphology in English Word Formation in Cognitive Grammar*. London/ New York: Continuum Books (Continuum International Publishing Group), 2011.
- HEINECK, D. Truncamento no português brasileiro: um estudo de frequência com dados do *Twitter*. *Diadorim*, Rio de Janeiro v. 23, n. 2, p. 383-400, 2021.
- HILPERT, M. *Construction Grammar and its application to English*. 2. ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2019.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JACKENDOFF, R. *The architecture of the language faculty*. Cambridge Mass: MIT Press, 1997.
- JACKENDOFF, R.; AUDRING, J. *The texture of the lexicon: Relational morphology and the parallel architecture*. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor: A practical introduction*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things: What categories reveal about the mind*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002 [1980].
- LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford: University Press, 1987.
- LEMOS DE SOUZA, J. *A distribuição semântica dos substantivos deverbiais em -ção e -mento no português do Brasil: uma abordagem cognitiva*. 2010. Tese de doutorado (Doutorado) – Faculdade de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- LEMOS DE SOUZA, J. Formas livres e formas presas: um clássico revisitado com olhar cognitivista. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 131-46, 2016.
- LEMOS DE SOUZA, J. Provocações morfológicas à gramática cognitiva. *Diadorim*, Rio de Janeiro v. 22, p. 303-22, 2020.
- LOPES, M. S. Compressão lexical: notas sobre um modelo semântico-histórico-construcional para análise de vocábulos derivados. *Gragoatá*, Niterói, v. 25, p. 688-711, 2020.
- LÜDELING, A. *Neoclassical word-formation*. Berlin: Universität zu Berlin, 2009.
- OLIVEIRA, R. A. *Formações inovadoras com des- no X/Twitter: descrição e análise pela morfologia cognitiva / Raphael Alves de Oliveira*. 2023. Mestrado (Letras) – UERJ, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/5208> Acesso em: 17 jan. 2024.
- PINHEIRO, D.; ALONSO, K. 30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não terminou). *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 6-29, 2018.
- PINKER, S. *Words and rules*. New York: Basic Books, 1999.
- PIZZORNO, D. A. *Polissemia da construção x-eiro: uma abordagem cognitivista*. 2010. Dissertação de mestrado (Mestrado) – Faculdade de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- RIBEIRO, S.; RIO-TORTO, G. Composição. In: RIO-TORTO, Graça *et al.* (ed.). *Gramática derivacional do Português*. 2. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. p. 461-520.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. 28. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2012 [1916].
- SIMÕES NETO, N. A. A herança semântica na formação de palavras: uma análise de construções morfológicas de línguas românicas. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 68, p. 743-75, 2020.
- SIMÕES NETO, N. A. Compostos com síndrome e complexo no português brasileiro: uma abordagem construcional. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 3373-94, 2018.
- SIMÕES NETO, N. A. O padrão $[[X]_N$ de Taubaté] $_N$ no português brasileiro: um estudo sobre compostos sintagmáticos em perspectiva construcional. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 265-90, 2019.

- SIMÕES NETO, N. A.; SANTOS, A. V.; SALVADOR, I. L. Compostos com fobia: um estudo construcional em perspectiva histórica. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 32-52, 2022.
- SOLEDADE, J. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [[X-eir-]_N] no português arcaico. *Diadorim*, Rio de Janeiro, n. especial, p. 83-111, 2013.
- SOLEDADE, J. Por uma abordagem cognitiva da morfologia construcional. In: ALMEIDA, A. A. D.; SANTOS, E. S. (org.). *Linguística Cognitiva: redes do conhecimento d'aquém e d'além mar*. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 345-378.
- SOLEDADE, J.; GONÇALVES, C. A.; SIMÕES NETO, N. (org.). *Morfologia Construcional: avanços em língua portuguesa*. Salvador: EDUFBA, 2022.
- SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TAVARES DA SILVA, J. C. A abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo booiijiano em terras brasílicas. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 8., n. 2., p. 109-135, 2019.
- TAVARES DA SILVA, J. C. *A semântica dos sufixos denominais*. Curitiba: Appris, 2020.
- VILLALVA, A. Composição. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (org.). *Gramática do português*. Volume 3. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 2020. p. 3153-3210.